



VI ENLIJE
Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

A IMPORTÂNCIA ENTRE OS QUADRINHOS E A LITERATURA NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Rhafael Porto Ribeiro¹

Universidade Federal de Roraima

rfael12@hotmail.com

Raphael Michels Fantinato de Moura²

Universidade Federal de Roraima

raphaelmichels@hotmail.com

Leila Adriana Baptaglin³

Universidade Federal de Roraima

leila.baptaglin@ufr.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar como os quadrinhos podem ser utilizados como forma de aproximação da leitura e das artes visuais dentro da faixa etária infanto-juvenil. O recorte de pesquisa utiliza o quadrinho no estilo mangá *The Wedding Eve*, e a obra da literatura brasileira *Helena*, cada uma utilizando seu estilo de leitura e escrita como meio de descobrir qual consegue adquirir uma melhor afinidade com o leitor. Esse procedimento gerou a necessidade de uma pesquisa de campo efetuada em uma escola localizada no município de Boa Vista/RR com alunos das séries intermediárias, a fim de descobrir o interesse imediato de qual estilo de leitura pode se tornar atrativa e como relacionar ao campo das artes visuais.

Palavras-chaves: Literatura, quadrinhos, crianças, jovens.

Quebra de seção continua

Abstract: This paper aims to analyze how comics can be used as a way to approach reading and visual arts within the age range juvenile. The research uses the comic cut in manga style *The Wedding Eve*, and the work of Brazilian literature *Helena*, each using his style of reading and writing as a means of discovering which can get a better rapport with the reader. This procedure generated the need for a field research carried out in a school located in the city of Boa Vista / RR with students in middle grades, in order to discover the immediate interest of what style of reading can become attractive and how to relate to the field of visual arts.

Keywords: Literature, comics, children, young.

¹ Graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

² Graduando em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

³ Professora do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima (UFRR).



1. Introdução

O estilo japonês de quadrinização, o mangá, é uma modalidade que tem adquirido cada vez mais adeptos dentro do mercado de quadrinhos. Fernandes (2011) nos mostra que os mangás fazem parte da cultura popular do Japão, sendo consumidos diariamente por milhares de pessoas. Como pontua Frédéric (2008), muitos japoneses de idades variadas leem mangás em um número expressivo, representando aproximadamente 40% de todas as publicações no país. Dentro do mangá existem vários estilos de narrativas e de traços, que basicamente se divide em cinco: *kodomo*, *shoujo*, *shounen*, *seinen* e *jousei*, como explicaremos mais à frente. Com a sua ascensão dentro e fora do Japão, o Brasil também se encontra em meio a esse aglomerado de publicações nesse estilo, até em produções nacionais de quadrinhos (VASCONCELLOS, 2003). Fernandes (2002) continua essa ideia reafirmando que há esse crescimento e interesse dos leitores no estilo, despertando cada vez mais os olhos das editoras brasileiras para esse tipo de público.

Para compreender melhor essa relação existente entre os aprendizes e a literatura em quadrinhos, foi realizada um estudo de campo com alunos de uma escola da rede pública do município de Boa Vista/RR. A pesquisa, de cunho qualitativo, buscou fazer com que os alunos entrevistados dessem respostas livres e expressassem suas opiniões a respeito da leitura das obras supracitadas. Para isso, utilizamo-nos de um questionário que foi entregue a dois alunos do sétimo ano. Este, foi entregue aos alunos após terem realizado a leitura dos textos. A escolha dos alunos foi feita por meio de observação do desempenho escolar dos mesmos e comprometimento com as disciplinas apontados pelos professores da Escola. Posteriormente, os questionários foram analisados no sentido de compreender a articulação com a literatura e os quadrinhos.

Vale ressaltar que a presente pesquisa ainda se encontra em andamento e que os questionários foram realizados como um piloto para futuros estudos e análises, tanto da forma de abordagem, quanto da análise dos referenciais, que serão melhor explorados em novos questionários com uma maior variedade de aprendizes em diferentes faixas etárias.

2. HQs e a Leitura

As Histórias em Quadrinhos (HQs) geralmente estão relacionadas à narração, com a apresentação de textos e imagens que possam estabelecer uma ideia complementar. Um gênero bastante popular entre o público jovem e adultos, os quadrinhos infelizmente receberam por muito



tempo o injusto rótulo de “subgênero” (CASTRO, 2008). Contudo, as HQs têm ganhado cada vez mais força, demonstrando que grandes histórias podem ser contadas sob a tutela da Arte Sequencial.

Arte sequencial significa contar histórias através de figuras. De acordo com Laytynher (2011), esse tipo de narração era comum ao homem desde a antiguidade, já aparecendo em tapeçarias, vitrais, mosaicos etc. A sua utilização se estendia até as igrejas da Idade Média para expor os episódios da vida dos homens santos em imagens, numa época onde ler era privilégio de poucos. No decorrer do tempo, esse modo de produção artística adquiriu formas mais rápidas de aproximação com o homem comum através da cultura de massa. Isso porque, segundo Fernandes (2011), antes a ideia de cultura e educação eram somente associadas as classes mais altas da sociedade e posteriormente, onde o contexto de capitalismo se firmou como modo de produção dominante, foram surgindo as histórias em quadrinhos.

O termo História em quadrinhos só começou a ser utilizado a partir do início do século XX, quando foram introduzidos balões nos desenhos com as falas dos personagens gerando toda uma nova forma concreta de se usar a arte sequencial (SILVA, 2011). De acordo com Mendonça (2007) as HQs começaram a ganhar mais espaço conforme seu público aumentava, expandindo sua presença para além de seus próprios encadernados, chegando também a ocupar outras posições e roupagens, podendo citar aqui, as tirinhas, as charges e os cartuns que são veiculados a jornais e revistas.

O sucesso dos quadrinhos pode estar associado na sedução pelo olhar em imagens presentes dentro de uma história em quadrinhos. Silva (2011) afirma que sua leitura muitas vezes pode ser feita inclusive por analfabetos ou até mesmo quando escritas em outro idioma, apenas interpretando a sequência de imagens. Sendo assim, os quadrinhos podem ser um incentivo à leitura, pois até mesmo pessoas que não são habituadas à leitura de obras densas, são leitores de quadrinhos, por sua linguagem clara e objetiva.

3. Quadrinhos e a Literatura

A literatura investiga, entre outras coisas, a sua relação com a produção material e subjetiva. Piegay-Gros (2002) observa que a experiência da leitura literária é uma experiência intensa. Nesse sentido as histórias em quadrinhos conseguem articular o que seria a alta cultura e a cultura de massa. Elas se desenvolveram ao largo e no interior das produções das outras artes, desde obras e personagens criados para o mundo infantil até a citação e o trabalho produzido com o



cânone literário e filosófico dos mundos ocidental e oriental.

De acordo com Batista (2010), os quadrinhos, embora tenham adquirido um “entrecruzamento de linguagens diferentes”, acabam se complementando e coexistindo com a linguagem verbal e a linguagem não-verbal, desenvolvidas através da criatividade dos autores. A sua utilização através do ensino reflexivo da gramática alocada junto as histórias em quadrinhos proporciona uma maior formação direta para que o leitor elabore seu ponto de vista. Pietroforte (2007 *apud* CÂNDIDO, 2012) explicita que esse gênero textual gera uma “rede de relações semânticas por meio da qual o mundo faz sentido”. O ponto de vista citado pelo autor é, além do modo de significação, o modo de olhar.

4. Mangá e HQs: diferenças e similaridades

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a influência do capitalismo americano começou a acontecer no Japão, a cultura ocidental apresentou aos japoneses muitos meios de entretenimento, incluindo as HQs, que influenciaram muito a produção dos quadrinhos japoneses, sendo o mangá o resultado do encontro entre o ocidente com o oriente, assim como acentua Ito:

Os mangás foram o primeiro componente das junções da mídia na contemporaneidade que emergiu do período pós-guerra, nos anos 60 e 70, eventualmente disponibilizando personagens e narrativas que estão nos jogos populares, animês e *merchandise*. (Ito, 2007, p.09)

Embora influenciado pelo ocidente, Walter (2011) diz que é importante salientar que o mangá não é uma cópia dos quadrinhos americanos, mas sim a forma de transmissão gerado pelos desenhos, a visão que a sociedade japonesa tem do mundo. A própria escrita desse povo cria essa distância entre os mangás e as HQs, pois se utiliza de ideogramas e símbolos.

Scott McCloud (2007), um grande estudioso das HQs e mangás, relata que os desenhos dos personagens feito pelos japoneses tendem a ser mais caricaturados para se adequar ao leitor alvo de cada modalidade, sendo eles, *kodomo* (para crianças), *shoujo* (para meninas), *shounen* (para meninos), *seinen* (para jovens do sexo masculino) e *jousei* (para jovens do sexo feminino). Ele continua dizendo que quando um desenho é mais realista, a sensação é de olhar para o rosto de outra pessoa, não existindo essa identificação imediata, enquanto que com um desenho mais caricaturado, é maior a chance do leitor se identificar, pois ele acaba se espelhando no desenho. Essa teoria de McCloud enquadra-se no gênero *jousei*, ao qual pertence o mangá analisado neste

trabalho, *The Wedding Eve*.

As características do *jousei* são desenhos mais leves, com cenários mais suaves, traços leves e harmoniosos, como mostra a imagem abaixo:



Figura 01 – (mangá) *The wedding even*.

Fonte: Hozumi – 2012

O *jousei* carrega de forma mais dramática essa visão que o japonês tem do mundo e do cotidiano para o público feminino mais maduro, no qual essa vertente do mangá se direciona, que acaba se aproximando muito do conto *Helena*, de Machado de Assis, por possuírem público direcionado e linguagem similares.

4. Mangá e Literatura: a origem do leitor

Quando se fala de literatura, é notável que existe uma nova roupagem na linguagem da escrita que o auxilia, sendo eles os quadrinhos. Riche (2010) diz que existem dois conceitos que podem vir à tona, o de contar e o de visualizar. Ela continua dizendo que acabam existindo três áreas dialogando nesse paralelo, o estudo das letras, o das artes e o da comunicação, cada uma com as suas especificidades, podendo contribuir para a reflexão sobre o texto verbal, o texto não verbal/imagem e adaptação.

Barthes (1978) em seu estudo sobre a linguagem criou uma visão de que a escrita tem um olhar de socialização que proporciona novas maneiras de se expressar, embora existam várias outras formas das pessoas se comunicarem além da exclusiva escrita, como gestos e desenhos, como é o caso das histórias em quadrinhos e sua repaginada na leitura convencional.



No Brasil isso já se mostra trabalhado, como salienta Vergueiro (2006), que diz que o emprego das histórias em quadrinhos tem encontrado de forma efetiva seu reconhecimento pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) desde o final dos anos 90, trazendo como eixo na sua atuação, a necessidade de aproximação dos leitores em gêneros textuais diversos. Como aponta Silva (2011), o brasileiro não tem um hábito frequente de leitura em sua maioria, assim, tornou-se necessário alguma espécie de estímulo com outros tipos de expressões, como é o caso da utilização entre o visual e escrito dos próprios quadrinhos.

Com base nisso, foi trabalhado junto a dois alunos do ensino fundamental qual tipo de leitura ele se identificava mais. Foram disponibilizados dois exemplares com obras de linguagens distintas, mas de temas similares, o conto *Helena* e o mangá *The Wedding Eve*.

As obras em questão tratam de conflitos amorosos e sociais, trazendo como foco o desprendimento social e pessoal. Abaixo, uma breve apresentação das duas obras:

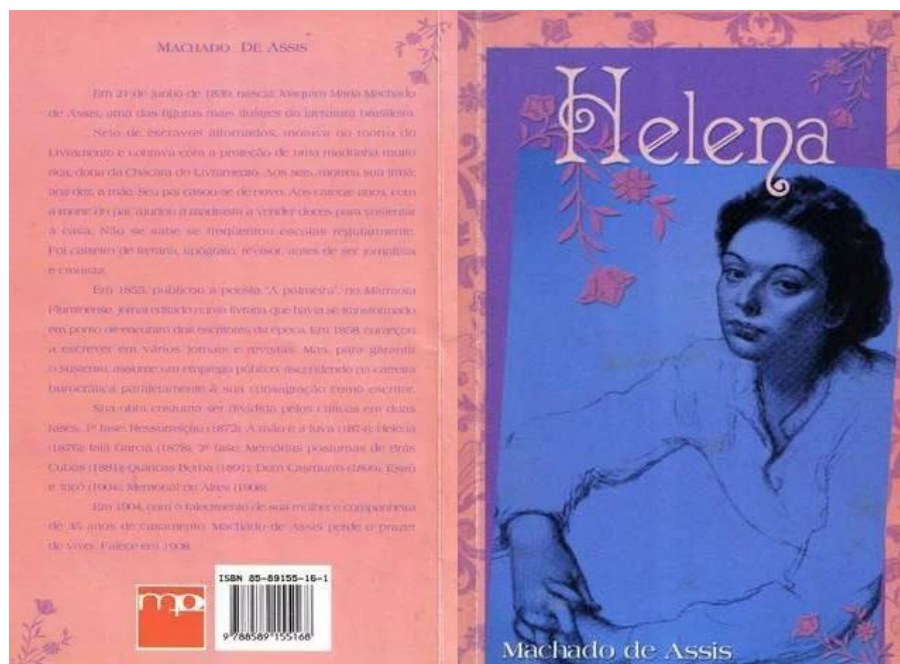


Figura 02 – Helena

Fonte: MQ editora - 2006

A obra *Helena* foi publicada originalmente em forma de folhetim, no jornal "O Globo", entre os anos de agosto e novembro de 1876. Possui 28 capítulos e seu enredo transcorre de maneira linear. A história narra a vida de Helena, que, considerada uma filha bastarda, é reconhecida e



acolhida pela família de seu pai, sua tia e irmão, quando este falece. O romance inicia com uma morte e termina com outra.

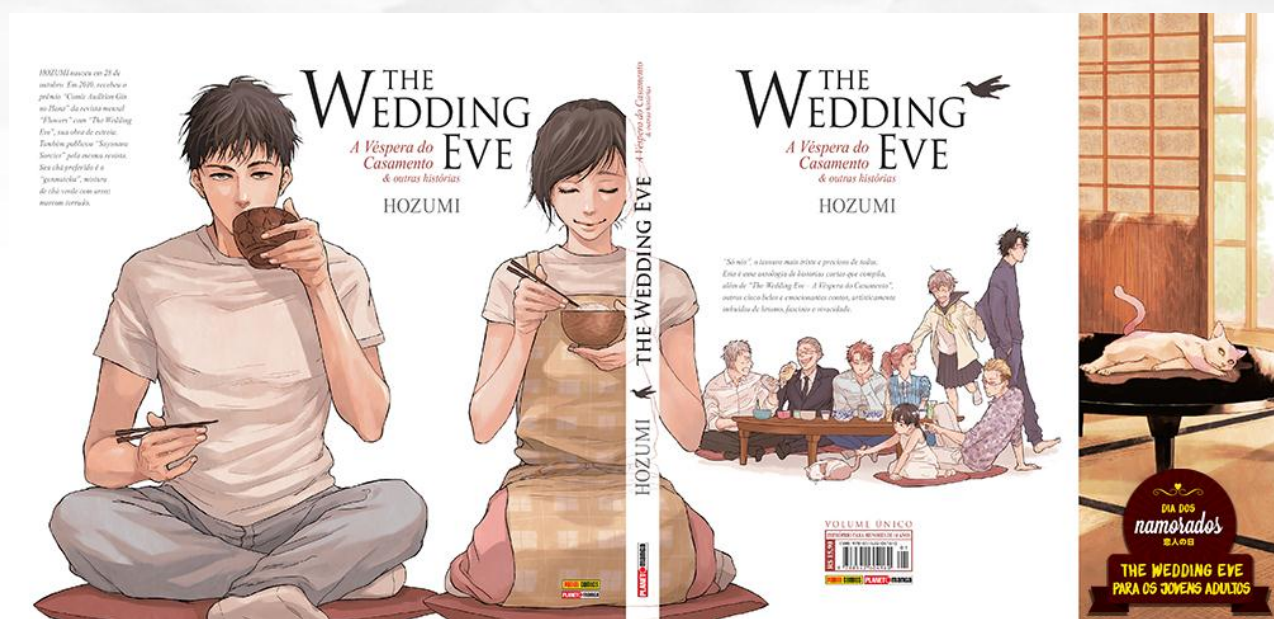


Figura 03 – The Wedding Eve

Fonte: Panini Comics / Planet Mangá – 2016

Já A obra *The Wedding Eve* é de autoria de Hozumi e foi lançada no Japão em 2012, reunindo histórias publicadas nas revistas joseis *Flowers* e *Rinka*, da Shogakukan. O título possui apenas um volume. Uma das Histórias utilizadas do encadernado nessa pesquisa foi *O espantalho que também sonha*, que narra a história de dois irmãos que perdem os pais e são criados por seus tios que não os tratavam de forma amorosa, mas que foram se habituando com a presença deles. A história se inicia com uma chegada e termina com uma partida. As suas similaridades no enredo das duas histórias foram cruciais para a utilização delas nesse artigo.

5. A visão de alunos da rede estadual

Ao continuarmos essa discussão, durante o desdobramento da pesquisa de campo, buscamos trabalhar uma aproximação suave das leituras, de forma a satisfazer o leitor. Assim, disponibilizamos aos dois alunos do sétimo ano da escola da rede pública estadual, cópias das obras a serem trabalhadas e pedimos que lessem, deixando claro que ao término seria solicitado a eles que respondessem algumas questões acerca de seu entendimento da obra e dos meios utilizados nelas. Para preservar a identidade dos aprendizes, utilizaremos aqui *aluno 1* e *aluno 2* sempre que nos



referirmos a eles e às suas respostas.

O questionário entregue a eles era composto de 10 questões abertas, dando aos sujeitos a possibilidade de discorrerem sobre o assunto, caso quisessem. Porém, tendo em mente que não é uma tarefa fácil exigir que crianças explicitem suas opiniões acerca de algum assunto, principalmente em situações como essas, suas respostas acabaram não sendo as mais satisfatórias, dando-nos a ideia de mudança na forma de abordagem em futuras pesquisas.

Procuramos saber como os sujeitos se portaram frente a leitura de ambos os textos e quais pontos mais lhes causaram problemas e/ou que mais lhes chamaram a atenção. Ambos os alunos disseram que não tiveram dificuldades com a leitura do mangá, afirmando que é uma leitura rápida e fácil de compreender, assim como as palavras utilizadas não lhes causaram transtornos a ponto de dificultar a compreensão do decorrer da história. Porém, o mesmo não acontece com o conto de Machado de Assis que, por sua vez, conforme afirmam os estudantes, possui palavras que causaram certa dificuldade na leitura, fato que, de certa forma, é recorrente durante a leitura de obras da literatura brasileira por alunos com grau de formação não muito elevado ou que não possuem o hábito pela leitura.

O *aluno 1* afirmou ter gostado mais da obra Helena, pelo fato desta possuir mais riqueza em detalhes escritos e descrições; diferentemente do *aluno 2*, que disse ter se sentido mais confortável com a leitura do mangá, pois os desenhos facilitaram a compreensão da história e ajudaram a entender a sequência dos fatos, mesmo com quantidade reduzida de texto, se comparado ao conto em prosa. Eles demonstraram que a leitura de Helena foi mais demorada e que o acréscimo do recurso visual seria um adicional interessante na construção da obra, pois chamaria mais a atenção e facilitaria a leitura.

Outro ponto abordado foi a relação dos quadrinhos com o âmbito escolar. Poucos são os professores que se utilizam desse meio para incentivar a leitura nos estudantes. Como foi dito acima, esse gênero é muitas vezes marginalizado quando comparado às outras produções literárias. Professores de literatura buscam fazer com que seus estudantes desenvolvam o gosto pela leitura entregando-os textos que muitas vezes exigem deles uma bagagem de conhecimento que está além do que os alunos podem oferecer, acabando por afastar o estudante da leitura. Perguntamos se eles gostariam que histórias em quadrinhos fossem melhor utilizadas no âmbito escolar, e ambos responderam que sim, pois facilitaria e ajudaria na compreensão da história, assim como o próprio recurso visual é um atrativo que aproximaria os estudantes da literatura.

Um fato que é de nosso interesse continuar investigando é como a utilização de histórias



em quadrinhos na escola pode influenciar, ou despertar, o interesse de crianças e adolescentes pela produção artística de qualquer tipo. É comum ver crianças reproduzindo os desenhos de obras que leem e, assim como os japoneses utilizam como ferramenta para apresentar o mundo como eles visualizam, as crianças fazem o mesmo. Isso seria aproximar a leitura do campo artístico, trazendo uma importância mais significativa na leitura de um quadrinho, ainda mais na fase infanto-juvenil.

6. Quadrinhos e sua capacidade de aproximar as pessoas das Artes.

Os quadrinhos na sua maioria são considerados um corpo estranho dentro dos estudos das artes visuais, assim como diz Mendonça (2011) ela pouco tem representação, sendo consideradas por uns e desconsideradas totalmente por outros e essa junção entre imagens e textos ainda procura dentro do campo das artes visuais o seu reconhecimento devido como modalidade artística, possuindo potencialidades diversas, até mesmo podendo ser uma possibilidade no ensino de Arte no geral.

As histórias em quadrinhos surgem em um contexto em que a própria arte estava sofrendo por fortes transformações, sendo, talvez uma mais importante a mudança do foco em que a arte devia estar baseada numa estrutura artística tradicional, surgindo pelas mãos dos impressionistas e então consolidada pela arte moderna que “colocava em risco a hegemonia das instituições dominantes” (BUENO, 2001, p. 20) rompendo com esses padrões pré-estabelecidos e formando novas possibilidades das produções artísticas e de massa.

Com o exemplo do nosso cotidiano, o alcance que as histórias em quadrinhos possuem pode ser avaliada de formar imensurável, tendo a ideia que a cultura de massa é algo já estabelecido e de fácil acesso no nosso cenário atual. Como aplicado em um estudo de Penna (2007) aonde o centro dela é como existe uma aproximação das pessoas na faixa infanto-juvenil, ao retirar as falas contidas nos balões, ele constata que é possível criar uma outra maneira de entender os diálogos através das imagens gerando uma procura maior por parte dos estudados acerca de produções artísticas diferentes, como é o caso de pinturas clássicas que representam muitas vezes passagens da história de determinada população, o que acabou criando nelas essa aproximação significativa.

Mendonça (2011) afirma que os quadrinhos podem ser trabalhados como uma expressão artística, através de suas variadas formas de produção, com diversas técnicas, materiais, gerando, nos que procuram produzi-las, maiores habilidades e competências, ampliando também a possibilidade a um debate sobre a utilização da arte com sua expressão e realizando uma maior



consequência positiva em quem faz e em quem lê uma história em quadrinhos. O aluno que tem isso dentro no âmbito escolar acaba por encontrar um amplo espaço através de suas histórias pessoais e de sua forma de ver o mundo, que podem ser expressas a partir da criação de seus personagens e das imagens de suas histórias.

6. Considerações Finais

Neste olhar sobre as narrativas das histórias podemos perceber que há certo interesse dos leitores pelas leituras de apelo visual como os quadrinhos, gerando discussões acerca das pesquisas nas artes que os quadrinhos possam apresentar. Desta forma, a interlocução da linguagem visual do gênero mangá com a escrita literária, possibilita a construção de um canal de aprendizagem criando, assim, nos novos leitores, o hábito pela leitura e pelas artes por meio da narrativa visual.

Contudo, o caminho está apenas começando a ser trilhado carecendo de uma efetiva apresentação de pais e professores para uma herança literária, tanto se tratando de obras da literatura de Machado de Assis a autores japoneses do mercado de mangá, criando assim uma maior colaboração coletiva das informações que cada produto possa ter, de acordo com a expectativa do leitor individual. Essa constatação é evidente ao verificarmos que caracteriza uma construção identitária dos leitores infanto-juvenis com o mangá, a literatura e as Artes visuais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. **Literatura e Subjetividade: Reflexões sobre a Linguagem e o exercício da liberdade.** Faculdade de Comunicação/UFBa. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2008.

ASSIS, Machado de. **Helena.** Rio de Janeiro: MQ Editora, 2006. 3ª ed.

CÂNDIDO, Suely da Silva. O uso de história em quadrinhos (HQs) como ferramenta para o ensino reflexivo de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. **ANAIS ELETRÔNICOS III Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura/ENILL.** Itabaiana/SE: Vol.03. 2012.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes,



2006.

EATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 201 p. Disponível em: . Acesso em: 14-08-2016.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptações de clássicos literários: uma história da leitura no Brasil**. 2009.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **O jovem e o consumo do mangá: reflexões sobre narrativa e contemporaneidade**. UERJ. Sem ano.

FERNANDES, Camila. **O capitalismo e o Advento de uma sociedade de consumo**. Revista Eletrônica Colégio Mãe de Deus. V. 1 N° 1, Setembro, 2010.

HOSUMI. **The Wedding Eve**. Tokyo: Shogakukan, 2012. Ed. Brasileira; São Paulo: Panini Comics, 2016.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Mangá e animê – Ícones da Cultura Pop Japonesa**. Fundação Japão em São Paulo. 2014.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. O mangá no Brasil.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de Língua Portuguesa. Trabalho de conclusão do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas I**. UEG – UnU Iporá. Sem ano.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Trad.: Doralice Alves de Queiroz. FALE/UFMG, 2009, p. 9-33.

RECALDE, Lucas; CAPITULINO, Catarina Santos; GOMES, Nataniel dos Santos. **Breve análise da adaptação da obra de Machado de Assis *Helena***. UEMS. Sem ano.



SILVA, Rafael Laytynher. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis para a Formação de Leitores Críticos. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.** São Paulo. Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro de 2011.

SOUZA, Luciana de Castro; GOMES, Nataniel dos Santos. Uso dos quadrinhos em sala de aula: as adaptações de clássicos da literatura a nona arte visita os clássicos. **Revista Philologus**, ano 19, nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013.

WALTER, Michelle Takashima. Hagane no Renkinjutsushi: do mangá para animês. Razón y Palabra – **Primeira Revista Eletrônica da América Latina Especializada em Comunicação.** Número 77. Agosto – Outubro de 2011.

TAVARES, Mayara Barbosa. O uso das Histórias em Quadrinhos no contexto escolar: contribuições para o ensino/aprendizado crítico-reflexivo. **Revista Linguagem** – 16º Edição.

VASCONCELLOS, Pedro Vicente Figueiredo. Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas. **Dissertação de Mestrado. PUC-** Rio de Janeiro. 2006.

BUENO, Maria Lúcia. **Artes Plásticas no século XX: modernidade e globalização.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. **Traça Traço Quadro a Quadro: a produção de histórias em quadrinhos no ensino de Arte.** Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

PENNA, Rosi Portugal. **Histórias Em Quadrinhos: Discurso e Leitura.** São Paulo: USP, 2007.

FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão: Dicionário e Civilização.** São Paulo: Editora Globo, 2008.